

NO FLUXO: ANÁLISE DA #CRACOLÂNDIA COMO UM SISTEMA DINÂMICO COMPLEXO

In the flow: analysis of #Cracolândia as a complex dynamic system

ERISVÂNIA GOMES DA SILVA¹

OLIMPIA MALUF-SOUZA²

VALDIR SILVA³

Resumo: Neste artigo, buscaremos produzir algumas problematizações e desdobramentos teóricos, decorrentes da tentativa da aproximação da teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (SDC) com a teoria da Análise do Discurso (AD) materialista, por entendermos que ambas operam com o conceito de mudança como uma constante constitutiva de seu funcionamento dinâmico. Para tanto, tomamos para análise o conceito de fluxo, a partir dos Tweet com a hashtag Cracolândia. As análises foram orientadas pelos conceitos de auto-organização, adaptação e agregação dos SDC e de formação imaginária e memória discursiva da Análise de Discurso. Para tanto, iremos analisar nesse estudo o “uso” das mídias digitais no contexto social e seus efeitos, com base no funcionamento discursivo da hashtag (#) Cracolândia (#Cracolândia) no âmbito do Twitter, no ano de 2017. Nesse sentido, o propósito aqui é o de compreender de que maneira o contexto social dos sujeitos usuários de drogas abrangem uma interconexão, fluxo e deslocamento, quando analisados, no contexto do Twitter. Uma percepção importante deste trabalho é que, todas as interações possíveis e a própria constituição da #Cracolândia se dão apenas, porque existe um elemento maior, a língua(gem).

Palavras-chave: Análise de discurso; sistemas dinâmicos complexos; fluxo; #cracolândia.

Abstract: In this article, we will seek to produce some problematizations and theoretical developments, arising from the attempt to approach the Complex Dynamic Systems (DCS) theory with the Discourse Analysis (DA) theory, as we

¹ Mestra em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2015). Doutora em Linguística (2018/2022) também pela Universidade do Estado de Mato Grosso, e bolsista FAPEMAT/CAPES. E-mail: erisvaniadublin@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0709-1182>.

² Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Uberaba (1982), Mestrado (2000) e Doutorado (2004) em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professora titular da graduação e da pós-graduação em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT. E-mail: olimpiamaluf@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2434-5671>.

³ Mestre em Linguística Aplicada pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/Unicamp, 2003), Doutor em Linguística Aplicada pela Faculdade de Letras (FALE/UFMG, 2008) e pós-doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (IEL/Unicamp, 2020). Professor efetivo do Curso de Letras/Cáceres, na área da Linguística Aplicada. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNEMAT na linha de Pesquisa Estudos de Processos de Práticas Sociais da Linguagem e do Programa de Mestrado Profissional em Letras/Cáceres (PROFLETRAS/CAPES). E-mail: ollule4@yahoo.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9465-6179>.

understand that both operate with the concept of change as a constitutive constant of its dynamic functioning. To do so, we take for analysis the concept of flow, from Tweets with the hashtag Cracolândia. The analyses were guided by the concepts of self-organization, adaptation and aggregation of CDS and imaginary formation and discursive memory of AD. To this, we analyze in this study the “use” of digital media in the social context and its effects, based on the discursive functioning of the hashtag (#) Cracolândia (# Cracolândia) in the context of Twitter, in 2017. In this sense, the purpose here is to understand how the social context of drug-using subjects encompass an interconnectedness, flow, and dynamics when viewed through the lens of the Complex Dynamic Systems paradigm in the context of Twitter. An important insight from this work is that all possible interactions and the constitution of the #Cracolândia only happen because there is a larger element of a complex nature the language(gem).

Keywords: Discourse analysis; complex dynamic systems; flow; #cracolândia.

Introdução

No presente artigo⁴ procuraremos dar visibilidade a algumas problematizações e desdobramentos teóricos, decorrentes da tentativa de aproximação dos Sistemas Dinâmicos Complexos (SDC) com a Análise de Discurso (AD). Como aponta Larsen-Freeman (2008), os SDC são fundamentalmente uma teoria da mudança. Ela oferece uma estrutura conceitual para informar a maneira pela qual investigamos e entendemos a natureza e o mundo em que vivemos, implica pensar as práticas sociais como um sistema aberto, dinâmico, com propriedades emergentes e adaptativas. Logo, implica, então, tomarmos a língua nessa mesma perspectiva de funcionamento. Como aponta Larsen-Freeman (2008), a língua é um sistema adaptativo complexo, pois seus padrões estão sempre sujeitos a mudanças. Para Bybee (2010), um dos efeitos de tomar a língua como um sistema adaptativo complexo e sua estrutura emergente (LINDBLOM *et al.*, 1986; HOPPER, 1980) é focar nossa atenção não muito na estrutura linguística em si, mas nos processos que a criam (VERHAGEN, 2005).

O insight criativo e inovador de Larsen-Freeman trouxe novos significados para as práticas de pesquisa na área da linguística e, em particular, da Linguística Aplicada ao redor do mundo. O fio de conexão que, do nosso ponto de vista, cria as condições para o exercício teórico aqui proposto, nos é fornecido por Orlandi (2009, p. 15), quando diz:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si **a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem:** com o estudo do discurso observa-se o homem [...]. (Grifos nossos)

⁴ O presente artigo é uma exigência do Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade do Estado de Mato Grosso/ UNEMAT.

Essa perspectiva do funcionamento dinâmico do discurso, atribuída pela autora, nos remete a Larsen-Freeman (2008, p. 142) quando diz que “um sistema dinâmico é complexo, não linear, caótico, imprevisível, sensível às condições iniciais, aberto, auto organizado, sensível ao feedback e adaptativo”.

Assim, com o propósito de dar visibilidade às teorizações possíveis decorrentes da aproximação dos SDC com a AD, trazemos para análise, os funcionamentos dinâmicos da Cracolândia, na cidade de São Paulo, a partir dos discursos postos em circulação no *Twitter*, por meio da *hashtag* #Cracolândia.

1 *Twitter e Hashtag*: um lugar de movência

Hashtag é um termo relacionado a tópicos que permitem ser buscado - pesquisados – nas redes sociais, por meio da inserção do símbolo do “jogo da velha” (#) antes de uma palavra, uma frase ou uma expressão. As *hashtags* configuram-se em hiperlink, permitindo a indexação de outras publicações que utilizam o mesmo termo ou assunto, agrupando o conteúdo e facilitando o acompanhamento ou participação em “conversas” sobre o mesmo assunto. Nesse sentido, a *hashtag* funciona como uma ferramenta de busca, pois permite que outros usuários encontrem publicações sobre o mesmo assunto. A *hashtag*, para além de seu funcionamento técnico instrumental, é de natureza linguística.

Paveau (2013) define a *hashtag* como uma tecnopalavra, com uma escrita muito própria. Para a autora, a *hashtag* é um segmento linguageiro (siglas, palavras e frases). As *hashtags* comprimem sentidos e criam as condições para que, por meio de um clique, o sujeito possa produzir seus deslocamentos no contexto digital. O processo de indexação, possibilita um determinado fluxo organizacional também dos usuários das mídias sociais. Assim, “[...] a indexação é a forma mais eficiente de organizar e encontrar um arquivo numa base de dados. Para cada item, associam-se vários *tags* (palavras representativas) ou particularidades que permite ao arquivo ser identificado entre um grande número de itens” (SAKAMOTO, 2013, p. 91).

No caso das manifestações com a tecnopalavra da #Cracolândia, vemos que esse papel das *hashtags* em agrupar esses atores virtuais se marcam por meio do compartilhamento de posicionamentos distintos. Nesse contexto, observamos que essas formas de organizar e comunicar dentro do mundo virtual tem o poder de dar visibilidade a certos agrupamentos sociais. O *Twitter*, nesse sentido, é o meio que promove a junção de grupos que antes eram dispersos por espaços geográficos e sociais que se filiam.

2 #Cracolândia: uma (desordem à beira do caos)

No contexto desse artigo, assumimos a Cracolândia como um sistema dinâmico complexo, com ordem e regras próprias e com a ocorrência marcada de fluxo, que se configura como uma propriedade desse sistema, pois, de acordo com Alves (2015), o fluxo refere-se, aos movimentos, deslocamentos e percursos dos sujeitos em torno do consumo da droga. Assim, a atração exercida pelo “fluxo” pode ser creditada à possibilidade ali existente de os indivíduos se relacionarem diretamente, conversando em pequenos grupos e movimentando-se entre eles.

Em suas teorizações, Holland (1997) define fluxo como uma propriedade dos sistemas dinâmicos complexos adaptativos. Para ele, o fluxo configura-se em uma rede de nós e ligações, em que os nós são processadores e as ligações que emergem das interações possíveis entre os sujeitos, como é o caso desse estudo. O autor afirma que os fluxos dessas redes variam ao longo do tempo e, nesse processo, os nós e as ligações podem aparecer e desaparecer à medida que os sujeitos se adaptam ou não. Deste modo, nem os fluxos e nem as redes de nós são fixas no tempo e no espaço sistêmico, pois são padrões que refletem adaptações em mudança, à medida que o tempo transcorre e as experiências se acumulam, como procuraremos mostrar na análise sobre a #Cracolândia.

Para Guattari (1996 *apud* SOUZA, 1998, p. 10-11) o fluxo é tomado com base no conceito de desterritorialização, a partir do entrelaçamento com o conceito de deslocamento de Pêcheux (1990) que:

[...] permite falar na emergência da cidade como problemática de transição não linear e não-cronológica. Ou seja, [...] evitar pensar o aparecimento de algo que se chama cidade em um determinado instante do território numa perspectiva cronológica temporal, a que possibilita o discurso da urbanidade tomando a fugacidade da paisagem na lacuna temporal do antes e do depois.

Dessa maneira, há várias formas como se dá este fluxo, enquanto desterritorialização que, de certo modo, funcionariam como equipamentos⁵ para a emergência da cidade. Assim, existiriam estruturas de poder político que constituíram o urbano sobressaindo ao coletivo que ali permeia. Nessa perspectiva, os discursos sobre a cidade dependem dos fluxos desterritorializados, apagando e silenciando significações do que seria morar, ou habitar um espaço.

Guattari (1996) afirma ainda, que a língua é o primeiro equipamento coletivo, pois é por meio dela que o inconsciente social codifica o sistema urbano, uma vez que, para que haja a existência de

⁵ Por equipamentos coletivos compreendemos o universo da representação, que necessariamente constitui-se através de práticas linguísticas.

uma cidade é necessário que haja também uma escritura. Nesse funcionamento, o fluxo ocorre por meio de uma escritura que simbolicamente origina-se da superfície de uma inscrição. Segundo Souza (1998, p. 13) “[...] a idéia de tomar os lugares de circulação pública como pontes, viadutos, marquises e seus acercamentos que, enquanto subsistem como tipos de equipamentos coletivos da cidade, expõem-se na qualidade de superfície material da escrita da cidade.”

Ao pensarmos na #Cracolândia e o seu fluxo, nos deparamos com um imaginário de cidade que se aloja por meio de comportamentos sociais que giram em torno de discursos de violência, como se cidade e o urbano fossem constituídos apenas nesse lugar de significância. Isto significa dizer que, quando o sujeito é convocado a interpretar e significar a exterioridade para se referir ao conceito de cidade, se instaura um domínio discursivo que constituiu esse imaginário de cidade como uma forma de materialização da violência, da vigilância e do medo, como é o caso da Cracolândia, seja ela em sua materialidade *offline* ou *online*.⁶

Dessa maneira, a formação imaginária da violência instala o temor da perda do espaço extensivo e da liberdade de ir e vir que se esvai com o sujeito. Assim, quando tomamos a Cracolândia compreendemos que os encontros nas praças, os passeios pelas ruas, significam, constituem e produzem efeito de sentidos dos sujeitos que se encontram à margem da cidade e do urbano, e passam a significar pelos atos de intervenção feitos pelos aparatos jurídicos, administrativos e policiais comandados pelo Estado e sua vigilância constante.

Ao tomarmos como objeto de análise a #Cracolândia, no *Twitter*, a compreendemos como algo que se dá em um movimento fluido, cujo fluxo é pensado, nessa análise, por meio de uma rede de nós e de ligações que se constituem e se filiam a certos imaginários de sujeitos. Desse modo, para se compreender como ocorre a complexidade e a dinamicidade, a partir da noção teórica de fluxo sobre a Cracolândia é necessário enfatizar que, com base em Holland (1997, p. 27), “[...] a coerência e persistência dependem de numerosas interações, da agregação e adaptação de diversos sujeitos”.

Nessa perspectiva, o fluxo nos SDC coloca o sistema sempre à beira do caos. Ou seja, ao mesmo tempo em que ele constrói, ele desconstrói parte do sistema, apresentando traços de instabilidade o tempo inteiro, pois, segundo Paiva (2006, p. 91), “[...] um sistema complexo não é um estado, mas um processo. E cada elemento do sistema é construído pela interação entre suas partes em determinados meios”. Assim, nada é fixo, pronto e acabado, pelo contrário, existe um constante movimento de ação, reação e mudanças que acontecem com o passar do tempo e das interações dos sujeitos e suas posições.

⁶ Tomamos aqui *offline* e *online* para marcar os acontecimentos sobre a Cracolândia tanto em sua constituição física (*offline*) como digital (*online*).

Ao tomarmos como objeto de análise dizeres sobre o fluxo na Cracolândia, no *Twitter*, a partir da #Cracolândia, compreendemos que a rede de significações dessa tecnopalavra variam ao longo do tempo. Desse modo, os nós (*tweets*) e suas conexões podem aparecer e desaparecer à medida que os sujeitos interagem, se adaptando ou não, pois nem os fluxos e nem as redes são fixas no tempo, assim como a língua, o fluxo, como já apontado, é algo fluido, logo, um sistema de grande dinamicidade.

Nessa direção, ao tomarmos o sujeito e o fluxo na perspectiva da Análise de Discurso, no contexto do *Twitter*, observamos que há o surgimento de novas discursividades, por sua vez, novas relações do sujeito. Nesse funcionamento, o virtual se estabelece em condições de produção específicas, é textualizado e materializado no digital. Todavia, como todo processo discursivo, é tecido por gestos de interpretação, que sofrem determinações na interface discursiva entre o interdiscurso e o intradiscurso que instaura um embate, pois o leitor, inscrito no lugar discursivo de autor, ocupa distintas posições-sujeito, as quais se confrontam com a posição-sujeito que lhe é projetada, assim, no processo discursivo, instaura-se a falha no ritual através da passagem da interação, imposta ao leitor do *Twitter* sobre as discursividades que emergem no contexto da #Cracolândia.

Nessa direção, pensar a #Cracolândia, no *Twitter*, é estabelecer um deslocamento entre interação e as discursividades produzidas por gestos de interpretação pelo sujeito. Uma vez que, a inscrição do sujeito no processo discursivo se dá na espacialidade do microblog do *Twitter* e isso já se constitui em historicidade que se instaura na relação entre sujeito e máquina.

3 A cracolândia e seus fluxos de movências

Antes de iniciarmos a análise das *hashtags* sobre a Cracolândia, para as reflexões aqui propostas, é necessário abordarmos como os discursos sobre a Cracolândia se constituem historicamente. A Cracolândia, segundo Mingardi e Goulart (2001, p. 11), “[...] varia de acordo com quem a menciona. Para alguns ela compreende apenas meia dúzia de quarteirões, para outros praticamente todo o Centro de São Paulo”. Com o passar do tempo e aumento do trânsito populacional nessa localidade, faz com que tal região passe a ser significada simbolicamente com o *status* que a tipifica como “cidade”. Por isso, a palavra Cracolândia começa a ser escrita com letra inicial em maiúscula e sem aspas. Essa mudança gramatical a classifica como um nome próprio para produzir sentidos de distinção e de identificação específica, como observa Bechara (2013, p. 113). No entanto, para além dessa perspectiva gramatical, torna-se pertinente no âmbito dessa discussão, olharmos para esse funcionamento de nomeação na perspectiva discursiva, visto que compreendemos as nomeações como procedimentos de identificação

social, ou seja, um nome não funciona apenas como uma etiqueta, ou rótulo, mas produz sentidos historicamente e discursivamente.

Para tanto é preciso analisar como se dá o funcionamento da designação, da nomeação, de modo a fim de compreender como esse procedimento se relaciona com o político, a ideologia, a história e a memória. Para Orlandi (2010, p. 12) o processo de nomeação ocorre por meio de divisões:

Esta divisão tem a ver com o fato de que vivemos em uma sociedade que é estruturada pela divisão e por relações de poder que significam estas divisões. Como sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo não só os sujeitos são divididos entre si, como o sujeito é dividido em si.

Desta maneira, os diferentes modos de nomear os sujeitos produzem efeitos de sentido distintos, com também sujeitos distintos, assim, eles são constituídos pelo procedimento de nomeação, afetado pelo simbólico e pelo político. Dessa maneira, o processo de nomeação pensado discursivamente não só se relacionada a um referencial, a nomeação cria sentidos e é por meio dela que passam a ser atribuídos estados, predicacões ou características dos sujeitos. Dito de outro modo, os sujeitos passam a significar em determinadas posições pelo ato de nomeação, uma vez que este trabalha os sentidos que evidenciam ou silenciam sentidos outros sobre os já existentes.

A Cracolândia foi apresentada pela primeira vez em uma pesquisa social realizada por Mingardi e Goulart, em 1999. Por se tratar de um local geográfico fluído, definir sua área, entender sua geografia, mapear os seus deslocamentos tornam-se um desafio constante e problematizador para cada novo estudo dedicado ao assunto. Por isso, importa-nos observar que aquilo que se denomina atualmente de Cracolândia não é apenas um mero espaço físico, mas uma “territorialidade itinerante” (FRÚGOLI JR; SPAGGIARI, 2010), que foi se alterando e se deslocando no correr de duas décadas pelas imediações do bairro da Luz, de Santa Ifigênia, dos Campos Elíseos e outros pontos de São Paulo.

De acordo com Rui (2016), há um discurso que associa diretamente a Cracolândia apenas como um espaço de uso de crack, e que a formação da região da “cracolândia”⁷, ainda em meados dos anos de 1950 e 1980, era denominada de a Boca do Lixo, como era chamado pejorativamente o local, marcado por atividades de boemia, prostituição e variados atos ilícitos. É a partir desse movimento de retomada histórica da nomenclatura da Cracolândia que identificamos que o termo Cracolândia só adquire certa concretude, em meados dos anos de 1990, bem como os seus distintos efeitos significacões e sentidos. É quando a Cracolândia passa a ser escrita como um nome próprio, conferindo a ela outros sentidos.

A Cracolândia, por vezes, é descrita como uma “cidade paralela” devido à grande quantidade de

⁷ Forma como era grafado antigamente o nome Cracolândia.

sujeitos que se encontram e transitam nessa localidade, e essa *formação imaginária* de cidade ocorre ainda pelo seu próprio processo de nomeação. De acordo com Pêcheux (2009, p. 82), a formação imaginária “[...] funciona nos processos discursivos [como] uma série de formulações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro”. Em suas reflexões sobre formações imaginárias, Orlandi (2009, p. 40) diz que “[...] não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções”.

Ainda sobre o processo de nomeação, no Brasil existem diversas cidades que têm no final de seus nomes o sufixo “lândia”. Esse sufixo, adaptado da palavra de origem anglo-saxônica *land*, exprime a ideia de espaço territorial, domínio territorial, espaço geográfico, região pertencente ou ocupada por um povo, como se pode verificar, por exemplo, em Uberlândia (MG), Marcelândia (MT), entre tantas outras.

O sufixo “lândia”, como mostrado, implica fixidez, ou seja, circunscreve a cidade em um local geograficamente determinado histórico-culturalmente. Por essa razão, argumentamos que é o fluxo que compõe esta territorialidade/materialidade, isto é, o fluxo se configura em uma propriedade fundamental do sistema dinâmico complexo. Essa mobilidade *fluida* propicia que os sujeitos e as coisas que a habitam não permaneçam em um determinado lugar, tal como uma cidade, pois a Cracolândia se significa na movência das pessoas que a habitam. Em síntese, a Cracolândia não é o espaço, mas sim o fluxo dos sujeitos e seus pertences (barraca, papelão, cobertor, sacolas plásticas, etc).

Feitas essas considerações teóricas, passemos, então, a análise dos três *tweets* delimitados para esse estudo sobre a #Cracolândia.

4. Análise dos *tweets*



Figura 1 — *Tweet* #1

Ao analisarmos o *tweet* da Rádio Bandeirantes, de 09/06/17, observamos que há um aglomerado de pessoas em uma praça tomada por “lixo”. É possível ver também barracas de *camping*, apontando que algumas das pessoas já residem nessa praça. O discurso do *tweet* também chama a atenção, pois, ao dizer “População da #Cracolândia cresceu 160% em um ano, mostrando que o fluxo de usuários chegou a quase 2 mil pessoas”, compreendemos que há uma formação imaginária e discursiva em funcionamento, que liga a Cracolândia a um discurso que a concebe como uma “cidade”. Cidade essa com dados de porcentagem de crescimento/expansão e aumento populacional, como se fossem um estudo de recenseamento demográfico produzido pelo IBGE. Entretanto, o que se verifica na Cracolândia contradiz o imaginário do que venha a ser cidade, já que a mesma é onde se constitui a espacialidade urbana em uma fixidez, ou seja, a Cracolândia enquanto espaço é dependente da movência dos sujeitos, logo, o espaço “citadino”, Cracolândia, se constitui onde quer que o aglomerado de sujeitos se encontra.

Esse aglomerado remete ao conceito de *agregação*, formulado por Holland (1995), como sendo uma propriedade dos SDC. Esse conceito “[...] tem a ver com a emergência de comportamentos complexos em larga escala, partindo das interações de agentes menos complexos” (HOLLAND, 1995, p. 34). Por meio da *agregação*, os agentes, aqui tomados como sujeitos, podem interagir no sistema em um nível mais elevado, sobrevivendo e se adaptando às mudanças. A *agregação*, de acordo com Holland, facilita a auto-organização, pois os grupos agregados buscam benefícios coletivos. Desse modo, mesmo que os sujeitos da Cracolândia tenham características diversificadas ao formar grupos, eles ganham uma força mútua, proporcionando melhores condições para assegurar a sobrevivência em meio às alterações sofridas pelo sistema. É essa dinâmica de auto-organização e de adaptação que se verifica em funcionamento no coletivo dos usuários de *crack* da Cracolândia.

Essa discussão em torno do conceito de agregação nos remete aos aspectos que distinguem o que é cidade e o que é espaço urbano. De acordo com Lefebvre (2001, p. 54), a distinção entre cidade e urbano se dá pelo fato de que “[...] a cidade é constituída por sujeitos, pela realidade presente, aspectos arquitetônicos, os discursos, as cores, a variedade. Enquanto o urbano constitui-se pela realidade social”. O autor salienta que a distinção deve ser tomada com certo cuidado, pois cidade e urbano estabelecem entre si uma linha tênue no seu processo de significação. Nessa direção, Orlandi (2004) argumenta que devemos compreender o urbano como um imaginário que sob determina o real da cidade. Já a cidade, irrompe como corpo textualizado historicamente, através de diferentes formas do discurso urbano.

A cidade é um espaço social marcada por um controle, que se regulamenta por meio de leis que

asseguram os direitos e deveres para cada sujeito. É pela “[...] ordem jurídica que as cidades se organizam pela materialidade simbólica e necessariamente dessa escritura ‘citadina’” (ORLANDI, 2004, p. 55). Nessa perspectiva, a estrutura da cidade é compreendida enquanto relações de sentidos, pelo discurso que hierarquiza as relações de comando/obediência. Essa intercambiabilidade jurídica de direitos e deveres dentro da esfera cidadina representa um lugar de tensão que se constituirá de dois mundos: a cidade real e a cidade imaginária, e é essa perspectiva de ordem que é irrompida pela Cracolândia.

Ao analisarmos o *Tweet* 1, observamos que a Cracolândia descrita se constitui em uma não-linearidade e essa não-linearidade ocorre porque há um sistema complexo que se move por uma trajetória em que as ações e retroações dos sujeitos dependem de múltiplas interações com efeitos inesperados, justamente por se tratar de um local no qual o fluxo e a diversidade se instituem e se constituem. Trata-se de um sistema que tem uma estrutura interna não hierarquizada e normas próprias de funcionamento. São esses atributos que confere à Cracolândia uma estabilidade, ainda que provisória, pois estão sempre sujeitas às intervenções do Estado, por meio da força coercitiva da polícia, entre outras intervenções externas que a levam às desordens turbulentas que se dispersam temporariamente. Ocorre que, esse comportamento dinâmico cria as condições para a emergência de um novo estado de auto-organização e adaptações do sistema Cracolândia em outro espaço da cidade, como, por exemplo, uma nova praça.

A imagem do recorte é outro ponto para a análise, pois nos discursos dos especialistas que abordam o uso de entorpecentes, surgem termos como risco, vulnerabilidade e precariedade (JORGE, et al., 2013). No fluxo, a diversidade é algo que se marca constantemente, assim, a Cracolândia é compreendida como espaços vinculados exclusivamente ao consumo de drogas e, devido a sua não fixidez e a imprevisibilidade que pode ocorrer no sistema, o Estado fica a todo instante buscando instaurar o controle, porém, as intervenções visando o controle institucional por parte do Estado falham e o fluxo segue.



Figura 2 — *Tweet* #2

Nesse *Tweet*, da Carta Capital de 24/05/17, há um discurso que aponta a dinâmica de movência da Cracolândia quando diz: “Em vez de “acabar”, a Cracolândia muda de endereço em São Paulo... Os usuários se deslocaram para a Praça Princesa Isabel, que se tornou um ponto de consumo e comércio de crack”. No recorte, destacamos a palavra “acabar”, pois ao utilizar essa palavra, observamos um funcionamento do discurso constantemente veiculado pelo Estado que busca incessantemente pôr um fim à Cracolândia, por meio de intervenções policiais e de limpeza do local, rememorando assim, um discurso higienista. Enfatizamos ainda que as aspas na palavra acabar” não fazem sentido, pois há uma prática de contínua movência, assim, mesmo que o Estado aja por meio de mecanismos repressores para “acabar” com o espaço onde funcionava antes a Cracolândia, ela “revive” em um outro lugar do centro de São Paulo. Acabar, nesse caso, em função das aspas, aponta uma interface antonímica que coloca em funcionamento concomitante, o sentido de viver, de nascer novamente em outro lugar. Ou seja, esse funcionamento marcado pela escrita da palavra “acabar”, entre aspas, aponta a natureza dinâmica e adaptativa da Cracolândia.

Nesse jogo de posições, há os sujeitos dos espaços ditos citadinos e há os sujeitos dos espaços de contradição com o que é da ordem da cidade, do urbano, como as periferias, os morros, as favelas. Lagazzi (2001) afirma que as periferias são normalmente compreendidas como a borda da cidade, o limite entre quem está fora ou dentro. Estar na periferia é estar longe do centro e esse distanciamento significa politicamente, já que normalmente é no centro que o poder e as decisões da cidade são tomadas.

Ao analisarmos o recorte, observamos o funcionamento de que as formações imaginárias ainda concebem a Cracolândia como um local que se constitui como uma aglomeração de pessoas em condições precárias de vida, que, motivada pela ilegalidade do uso de drogas, encontra-se na cidade, mas não pertence ao que é da ordem do urbano. Além disso, ao utilizar a palavra “acabar” em menção (marcação das aspas), produz-se efeitos de ironia, em razão das tentativas recorrentes de mudar a realidade de existência do lugar. Assim, pensar a Cracolândia como “cidade paralela” não é só compreendê-la como lugar de relação de embate, força e poder, mas como um local marcado por uma relação que se marca também pelo consumismo que se institui pela lei da oferta e da procura por drogas, em especial do crack.

De acordo com Orlandi (2012, p. 114), a relação entre sociedade e consumismo ocorre através da “[...] matéria prima de seu desenvolvimento, outras formas de assujeitamento nas quais a centralização monárquica, o aparelho militar e a ideologia religiosa impõem suas determinações [...]”. Nesse sentido, as repetições do discurso capitalista podem ser consideradas como um dos aspectos

principais que giram em torno da Cracolândia, pois é esse efeito de sentido produzido, quando nos referimos ao aspecto mercadológico que se constitui em torno do comércio e consumo de drogas nessa região, embora essa tutela escape, permanentemente, ao Estado.

Compreendemos, então, que a existência do fluxo ocorre para além das imposições descritas e realizadas pelo Estado, pois o fluxo produz o deslocamento e a não fixidez, porém, isso não contribui para o isolamento social dos que vivem nessa região, visto que, mesmo nesse aparente caos movente, os sujeitos que vivem na Cracolândia seguem regras e normas próprias, criando assim, um caos organizado.



Figura 3 — *Tweet #3*

No *Tweet 3*, vemos a postagem do jornalista Eduardo Odloak: “Agora, direto da operação especial de limpeza no fluxo da #Cracolândia. Em breve mais informações”. O que vemos na imagem é a formação imaginária de uma completa bagunça de “lixo” e de coisas pertencentes aos “moradores” da Cracolândia, retirados à força pela polícia para que a operação de “limpeza” pudesse ser realizada. Porém, tal limpeza não se restringe ao simples ato de jogar água e sabão para remover a sujeira. Os processos de espacialização e de higienização merecem destaque nessa teia discursiva acerca da análise da #Cracolândia.

Ao abordarmos o processo de higienização na Cracolândia, colocamos em funcionamento, por meio da memória discursiva, todo o processo de nomeação inicial dessa região, anteriormente conhecida como “Boca do lixo”. Memória discursiva é definida por Orlandi (2009, p. 51) como:

[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

O “lixo” aqui descrito ou abordado não é o que esses sujeitos produziram/produzem, pois o lixo é tudo, inclusive os sujeitos e suas produções. Os sujeitos são ali coisificados e se tornam também

“o lixo”. Desse modo, a limpeza é realizada pelo aparato repressor do Estado seria o meio de tirar dos olhos da sociedade tudo que marca, que deixa vestígios ou que macula o imaginário de cidade, de urbano e que fere a normatização do/pelo Estado. Nesse sentido, ao abordar esse sujeito coisificado, o discurso higienista, trazido pelos dizeres do Estado, produz efeitos de sentido de que o fluxo precisa “acabar”, discurso esse que se legitima pela imprensa e que ganha contornos e posicionamentos na/pela sociedade.

A cidade enquanto espaço urbano de convívio social se marca através de suas divisões, como os bairros de classe alta, média e as periferias. Na perspectiva dos sistemas dinâmicos complexos, a cidade é uma rede de relações interconectadas que está sempre em mutação.

No caso das políticas públicas sobre o uso de drogas, a memória que se coloca imaginariamente em funcionamento é a das classes mais pobres e das periferias, como espacialização do ilícito, pois inúmeros são os exemplos em que as favelas e morros das grandes metrópoles brasileiras são mostrados como lugar do crime. Nesse entendimento, a Cracolândia é uma “dobra” sobre a cidade, daquilo que deveria ser instituída como sendo da periferia, logo, precisa ser extirpada pelo Estado do corpo central da cidade.

Afinal, em relação às drogas, ao uso, ao tráfico e venda, há elos indissociáveis do imaginário de criminalidade, uma vez que a pobreza é associada à causa do vício, visto que, de acordo com Rodrigues e Orlandi (2010)⁸, as periferias que têm percentuais altos de violência só são objetos de cobertura jornalística quando têm acontecimentos mais histriônicos como um grande número de mortos, grande número de apreensão de drogas e armas ou mudança no comando de uma favela. E, nessas localidades periféricas, os diversos pontos de vista dificilmente são escutados e, geralmente, apenas as “fontes oficiais” e os boletins de ocorrência são privilegiados no relato dos fatos pelas mídias. Nesse sentido, o sistema considera intolerável, através da sociedade, a pobreza, que tem um status social desvalorizado e estigmatizado. Consequentemente, os pobres são obrigados a viver numa situação de “isolamento”, assumindo a inferioridade de seu status no meio em que vivem, mantendo relações de igualdade apenas com os que se encontram na mesma situação. Assim, surge o Estado e todo seu aparato, instalado como aparelho repressor, mantenedor da ordem, garantidor da vida e da propriedade, e afiançado pelo (des)crédito da polícia e da justiça.

O imaginário sobre a espacialização e higienização das cidades tem suas raízes históricas. Segundo Rodrigues (2003, p. 55), no Brasil, merecem destaque “[...] a campanha de vacinação obrigatória contra a varíola, em 1904, e a reurbanização do centro da cidade do Rio de Janeiro, com a

⁸ 6 Ler “Deontologia marginal: dando voz ao “outro” presente nos morros cariocas”. *Entretextos*, Londrina, v. 10, n. 1, p. 140-155, jan./jun. 2010/ 143.

expulsão de comunidades pobres para regiões periféricas, o que deu origem às favelas naquela cidade”. Essas medidas sanitaristas e princípios eugenistas são, pois, ações histórico-ideologicamente atreladas ao contexto social, por lidar com qualquer forma de conduta desviante, colocando-se, desde sempre, nesse lugar de injunção, pois, segundo Maluf-Souza (2004, p. 154),

[...] é por essa razão que a grande preocupação da Psiquiatria no final do século XIX e início do século XX (e de toda a intelectualidade brasileira) era com a questão racial, pois a grande miscigenação que ocorria no Brasil era tida como fator desagregador da espécie, tanto do ponto de vista físico quanto emocional.

A miscigenação foi pensada de acordo com a doutrina do darwinismo social⁹, doutrina essa que apontava para um caso de degenerescência racial que inviabilizava a emergência de um imaginário de civilização verdadeira para o país. Um artigo publicado em 1886, pela Gazeta Médica da Bahia (*apud* SCHWARCZ, 1993, p. 242), afirmava que “[...] é triste a constatação de que entre nós as populações mestiças não seriam perfectíveis, presas como estão a um avançado estágio de degeneração”.

Nesse sentido, a concepção do darwinismo social compreendia a população brasileira como uma raça degenerada biologicamente, já que essa foi comprometida em função da miscigenação (mistura entre brancos, negros e índios). Contudo, havia uma crença de que se poderia haver no Brasil, com o passar do tempo, o domínio do sangue branco, assegurando a convicção de que o país caminhava para um embranquecimento. Tal pensamento se pautava no processo de seleção natural e social que supunha o desaparecimento natural da população negra pura e índia e a superioridade biológica dos brancos no processo de cruzamento racial. Trata-se, então, de processo esse de branqueamento inspirado nos princípios da Eugenia e inscrito nos modelos darwinianos da seleção natural.

De todo modo, o gesto dessa prática de higienização social, fundamentada na concepção da eugenia, permitiu que essa divisão ocorresse e que se estabelecesse pelas disputas de poder. A divisão do/no social se mostra pela materialidade contraditória do discurso, ou seja, pela divisão dos sentidos e dos sujeitos. Por outro lado, o consenso é sustentado por uma concepção de vínculo social que conduz

⁹ Segundo Maluf-Souza (2004), o darwinismo social, que se afirmou no século XIX na Europa, apostava na existência de caracteres raciais fixos, imutáveis, valorizando, portanto, a existência de “tipos puros” e condenando qualquer forma de miscigenação, pois ela era tida como “[...] sinônimo de degeneração não só racial como social”. Nesse sentido, afastava-se dos “evolucionistas sociais” – que supunham uma humanidade hierarquicamente “desigual” no seu desenvolvimento, mas cuja diversidade seria transitória e remediável, porquanto na sua origem a humanidade seria uma (Monogenismo) –, afirmando a existência de “diferenças” definitivas e irreparáveis (ontologicamente diversas) entre as espécies humanas, originárias que seriam de diversos centros de criação (poligenismo) (SCHWARCZ, 1993, pp. 47-66, 35-42). Embora essa vertente pessimista da hibridação racial seja expressiva no Brasil, sua recepção no país, segundo o autor, caracterizou-se por uma apropriação, em muitos casos, original e seletiva. Introduzida de forma a justificar um certo modelo de identidade nacional e de hierarquia social, era frequentemente adaptada e/ou combinada quando “[...] tomava como tema os infortúnios da miscigenação”.

à segregação, materializada no imaginário do que viria a ser a periferia. Sendo assim, tendo em vista as diferentes formas de se conceber o espaço urbano, a segregação representaria o que é estar dentro ou fora das formas atuais de sociabilidade.

Assim, os sujeitos não atuam isoladamente no sistema, eles interagem com outros sujeitos e é através dessa interação que surgem os fenômenos emergentes do sistema complexo e, pelo menos na Cracolândia, eles não sentem os efeitos da segregação. É interessante pensar em funcionamento em confronto com a dinâmica de agregação que ocorre fora dali. Ainda que fora da Cracolândia, os sujeitos usuários sejam marginalizados, coisificados; na região da “desordem”, eles ainda se constituem enquanto sujeitos em meio à diversidade, com suas memórias, seus conhecimentos, suas histórias de vida, ou seja, eles ainda são seres humanos iguais, o que facilita a interação, formando agregados dentro desse sistema.

Enfatizamos, por fim, que, quando falamos de Cracolândia, a consideramos como um sistema adaptativo, que, por ser complexo, comporta interações que modificam/transformam o sistema, que necessita, em razão disso, se adaptar a novos contextos que emergem internamente em um movimento contínuo. Assim, longe da busca imaginária de uma sociedade homogênea e sem diversidade, unívoca e tantas vezes almejada, a Cracolândia é engolida pelo múltiplo e convulsiona-se no caos próprio da vida do sujeito em sociedade. Dessa maneira, acabar com a Cracolândia é um desejo ilusório, pois, para além de um espaço que se move na turbulência gerada pelo Estado, ela é formada por pessoas, as quais têm seus direitos humanos, assegurados pelo Estado Democrático de Direito. A Cracolândia, é, assim, um coletivo de existência e resistência humano que nem o tempo e nem toda repressão do Estado conseguiu apagar/silenciar.

5 Considerações finais

Nesse trabalho, propusemos um exercício teórico de aproximação dos SDC com a AD, por entendermos que ambas as teorias operam com a natureza dinâmica e múltipla de seus objetos, ou seja, têm a mudança como uma constante constitutiva de seus funcionamentos dinâmicos. Como bem aponta Orlandi (2009, p. 15), o discurso “tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento”. Para ela, o discurso é palavra em movimento, logo, é dinâmico e de tessitura complexa. Não é nenhuma heresia teórica, dizer que o discurso, enquanto cadeia significante pode ser aproximado das propriedades que caracterizam os SDC, ou seja, como descreve Larsen-Freeman (2008), são sistemas não lineares, sensíveis às condições iniciais, abertos, auto organizáveis, imprevisíveis,

emergentes e adaptativos.

As reflexões sobre o fluxo da Cracolândia, orientadas pelos conceitos teóricos dos SDC (auto-organização, adaptação, agregação) e dos conceitos de formação imaginária e de memória discursiva da AD fornecem as condições para dar maior visibilidade ao seu funcionamento dinâmico e complexo.

Referências

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

FRÚGOLI JÚNIOR, H.; SPAGGIARI, E. “Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz”. **Ponto Urbe**: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, 6, 2010.

GUATTARI, E e ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes. GUNZ, S. s/d. Immanence and Deterritorialization. The Philosophy of Gilles Deleuze and Felix, 1996.

HOLLAND, J. H. **Emergence**: from chaos to order. Oxford: Oxford University Press, 1998.

HOLLAND, J. H. **A Ordem Oculta**: como a adaptação gera a complexidade. Trad. de José Luís Malaquias. Lisboa: Gradiva, 1997.

HOLLAND, J. H. **Hidden order**: how adaptation builds complexity. Reading, MA: Addison-Wesley, 1995.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, vol. 56, n. 2, p. 251-299, 1980.

JORGE, M. S. B., et al. Ritual de consumo do crack: aspectos socioantropológicos e repercussões para a saúde dos usuários. **Ciência & Saúde Coletiva**, 18(10), 2909-2918, 2013.

<https://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232013001000015>

LAGAZZI, Suzy. **O desafio de dizer não**. Campinas: Pontes, 2001.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON; L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LEFEBVRE, Henry. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. SP: Centauro editora, 2001.

LINDBLOM, B. Phonetic universals in vowel systems. *In*: J. J. Ohala and J. J. Jaeger (eds.). **Experimental Phonology**. Orlando. Academic Press, 1986.

MALUF-SOUZA, Olímpia. **Vozes urbanas: gestos de pertencimento nos espaços simbólicos da cidade**. Campinas, SP: [s.n.], 2004. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.

MINGARDI, G.; GOULART, S. L. As drogas ilícitas em São Paulo: o caso da cracolândia. **Coleção Revista ILANUD**, n.º 15, São Paulo, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação, autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Historicidade, indivíduo e sociedade contemporânea: que sentido faz a violência. **Encontro de Análise de Discurso** - Universidade de Paris III, novembro de 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP. Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Deontologia marginal: dando voz ao “outro” presente nos morros cariocas”. **Entretextos**, Londrina, v. 10 n. 1, p. 140-155, jan./jun. 2010/ 143.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: Sujeito, Sentido, Ideologia**. Campinas, SP, Pontes, 2012.

PAIVA, V. L. M. O; NASCIMENTO, M. Texto, hipertexto e a (re)configuração de (com)textos. *In*: LARA, G. M. P. (Org.). **Língua(gem), texto, discurso: entre a reflexão e a prática**. v. 1. Rio de Janeiro: Lucerna; Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006. p. 155-179.

PAVEAU, Marie-Anne. “**Hashtag**”, **Technologies discursives**. 2013. [Carnet de recherche]. Disponível em: <http://technodiscours.hypotheses.org/488> . Acesso em: 28 out. 2010.

PÊCHEUX, M. **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux**. Trad. Bethania S. Mariani et al. Campinas: Ed. da UNICAMP. 61-161. 1990.

PÊCHEUX, M. **Delimitações, Inversões, Deslocamentos**. Em *Cad. Est. Ling.*, Campinas, (19): 7-24, julh./dez. 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Pulccinelli Orlandi [et al.] Campinas, SP: 4. ed. Editora da UNICAMP, 2009.

RODRIGUES, T. **Narcotráfico: uma guerra na guerra**. São Paulo: Desatino, 2003.

RUI, Taniele. **Fluxos de uma territorialidade: duas décadas de “cracolândia” (1995-2014)**. *In*: Pluralidade urbana em São Paulo: vulnerabilidade, marginalidade, ativismos sociais / organização de Lúcio Kowarick e Heitor Frúgoli Jr. — São Paulo: Editora 34, FAPESP, 2016, 1. ed. 416 p.

SAKAMOTO, Leonardo. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. *In*: **Cidades Rebeldes: passe livre e manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

SOUZA, Pedro de. **Dentro e fora: violência e irrupção urbana em cidades médias**. Coleção Escritos 1. Publicação do Laboratório de estudos urbanos. LABEURB - NUDECRI – UNICAMP, 1998.

SCHWARCZ, Lilian M. **O Espetáculo das Raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax and cognition**. New York: Oxford University Press, 2005.